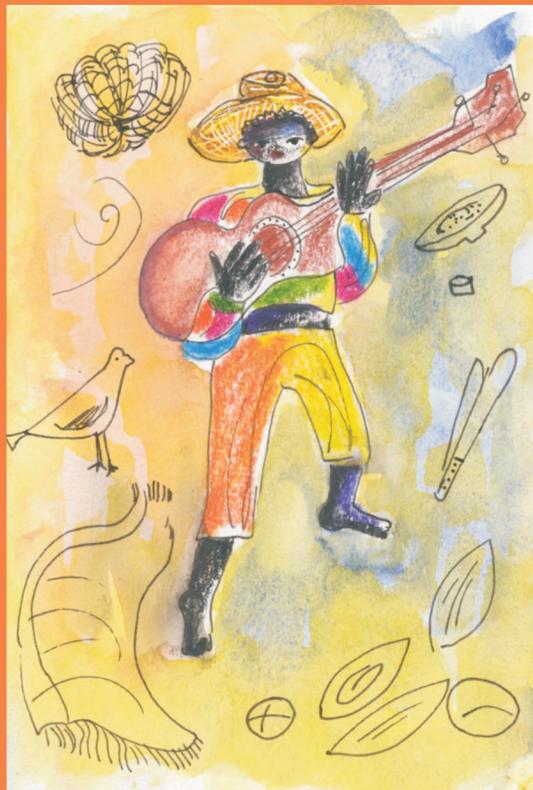


HISTÓRIAS DO FUNDO DO BAÚ

Volume IV



HISTÓRIAS DE PEDRO MALASARTES



EDUNEB



Histórias do Fundo do Baú

Volume IV

HISTÓRIAS DE
PEDRO MALASARTES



EDUNEB

SALVADOR

2009

© 2009 Editora da Universidade do Estado da Bahia - EDUNEB
Proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio de impressão, em forma idêntica, resumida
ou modificada, em Língua Portuguesa ou qualquer outro idioma.
Depósito Legal na Biblioteca Nacional
Impresso no Brasil 2009.

Ficha Técnica

Organização, seleção e transcrição dos contos
Edil Silva Costa

Revisão e estabelecimento dos textos
Admari Cajado Silva
Antônia Maria Almeida Alves

Ilustração da capa
Luiz Ramos

Projeto Gráfico, Projeto Visual e Editoração
Sidney Santos Silva

FICHA CATALOGRÁFICA – Biblioteca Central da UNEB
Bibliotecária : Jacira Almeida Mendes – CRB: 5/592

Histórias de Pedro Malasartes / Organizado por Edil Silva Costa . – Salvador : EDUNEB,
2009.
36p.

Série: Histórias do fundo do baú ; v. 4.

ISBN :978-85-7887-026-3.

1. Contos. 2. Lendas. 3. Folclore brasileiro. I. Costa, Edil Silva.

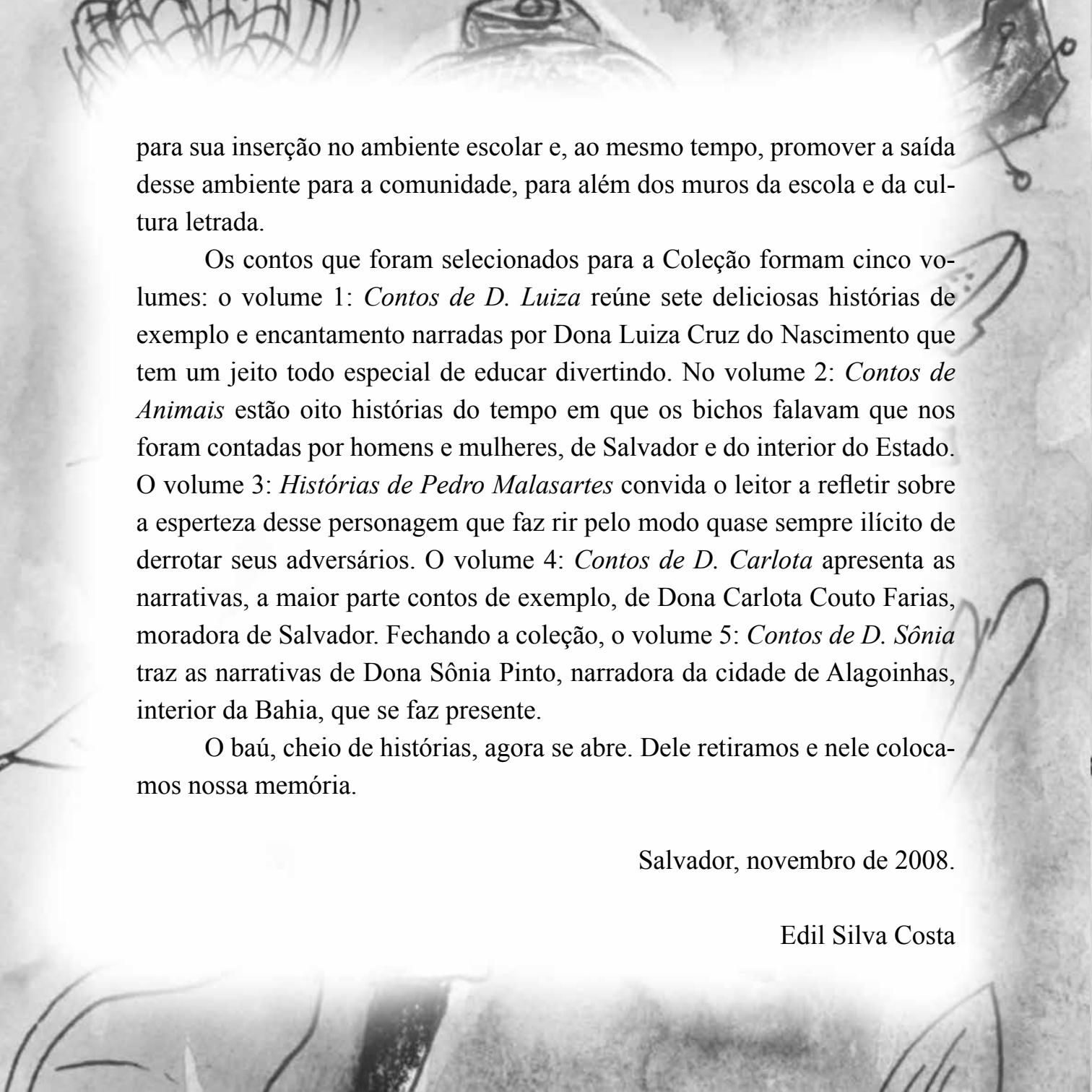
CDD : 808.8308

Editora da Universidade do Estado da Bahia - EDUNEB
Avenida Jorge Amado, s/nº - Boca do Rio Salvador-BA - CEP. 41.710-050
Tel. (71) 3371-0107 / 0148 - R. 204/217
editora@listas.uneb
www.uneb.br

Apresentação: O Baú se Abre

Esta coletânea é fruto do trabalho de anos de pesquisadores da Universidade Federal da Bahia e da Universidade do Estado da Bahia. Mas, acima de tudo, é feita por narradoras e narradores que emprestam seu corpo e sua voz para dar continuidade a outras vozes vindas de tempos remotos. Tiradas do fundo do baú da memória, os textos aqui reunidos são dedicados a jovens que, ouvindo, lendo, recontando, reescrevendo, são também elos dessa corrente. Do mesmo modo, a Coleção é dedicada aos professores que irão compartilhá-la com seus alunos. Trilhando juntos esse caminho, fortalecemos nossos laços comunitários e familiares. Ao reunir as vozes de avós e netos, percebemos que o mais tradicional é também o mais contemporâneo.

Idealizada e iniciada pela Professora Doralice Alcoforado, esta Coleção visa reaproximar alunos e professores da nossa rica tradição oral, levando para a escola os contadores tradicionais e suas narrativas. A equipe que trabalhou na adaptação dos textos procurou não perder de vista que a letra nunca vai conseguir representar a performance dos contadores, mas deve se esforçar para que a memória da oralidade seja recuperada no momento da leitura. Os textos que ora apresentamos sofreram a interferência necessária



para sua inserção no ambiente escolar e, ao mesmo tempo, promover a saída desse ambiente para a comunidade, para além dos muros da escola e da cultura letrada.

Os contos que foram selecionados para a Coleção formam cinco volumes: o volume 1: *Contos de D. Luiza* reúne sete deliciosas histórias de exemplo e encantamento narradas por Dona Luiza Cruz do Nascimento que tem um jeito todo especial de educar divertindo. No volume 2: *Contos de Animais* estão oito histórias do tempo em que os bichos falavam que nos foram contadas por homens e mulheres, de Salvador e do interior do Estado. O volume 3: *Histórias de Pedro Malasartes* convida o leitor a refletir sobre a esperteza desse personagem que faz rir pelo modo quase sempre ilícito de derrotar seus adversários. O volume 4: *Contos de D. Carlota* apresenta as narrativas, a maior parte contos de exemplo, de Dona Carlota Couto Farias, moradora de Salvador. Fechando a coleção, o volume 5: *Contos de D. Sônia* traz as narrativas de Dona Sônia Pinto, narradora da cidade de Alagoinhas, interior da Bahia, que se faz presente.

O baú, cheio de histórias, agora se abre. Dele retiramos e nele colocamos nossa memória.

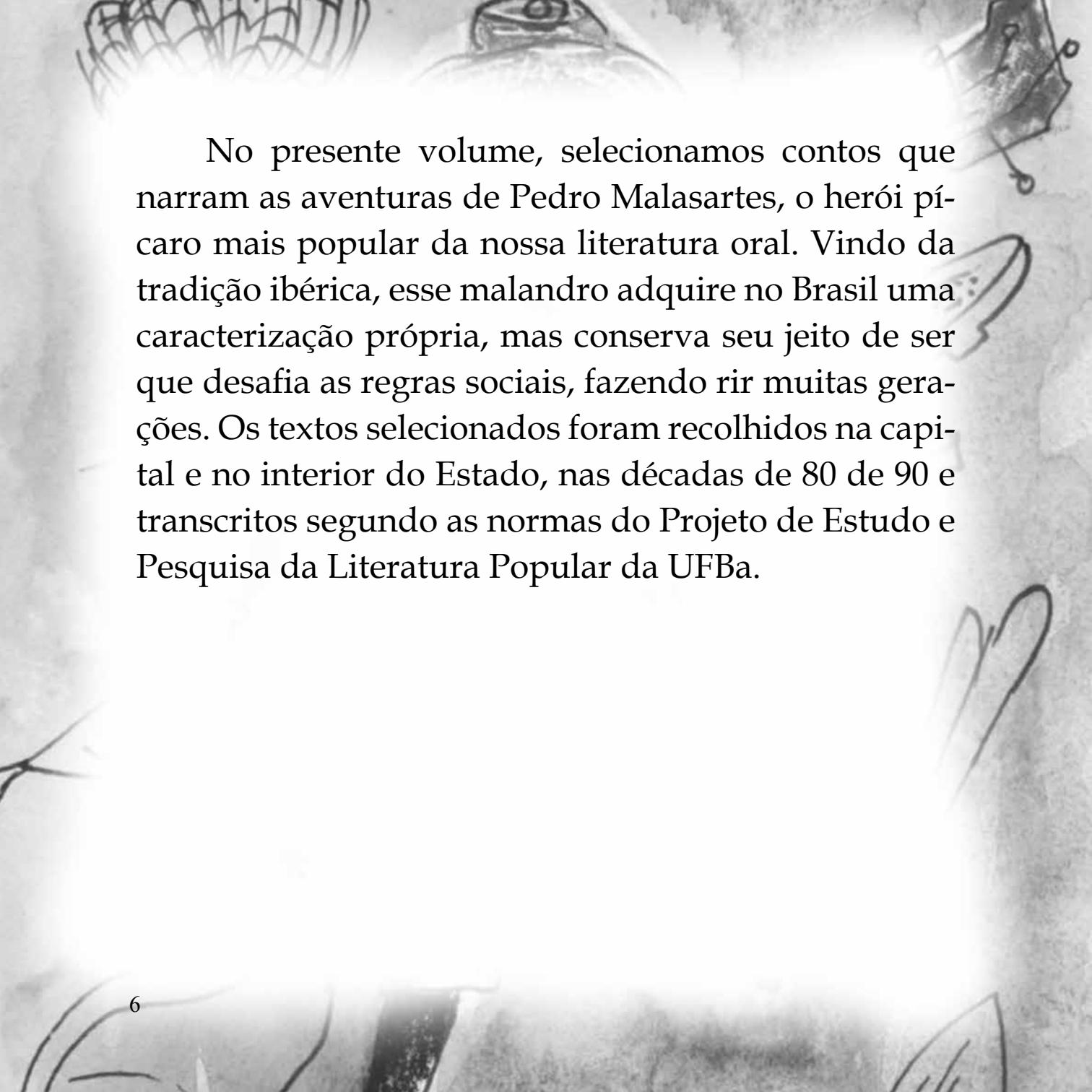
Salvador, novembro de 2008.

Edil Silva Costa

HISTÓRIAS DE PEDRO MALASARTES

O Programa de Estudo e Pesquisa da Literatura Popular (PEPLP), que foi até 2007 coordenado pela Professora Doralice Fernandes X. Alcoforado da Universidade Federal da Bahia, tem como objetivo a coleta e divulgação da tradição oral no Estado da Bahia.

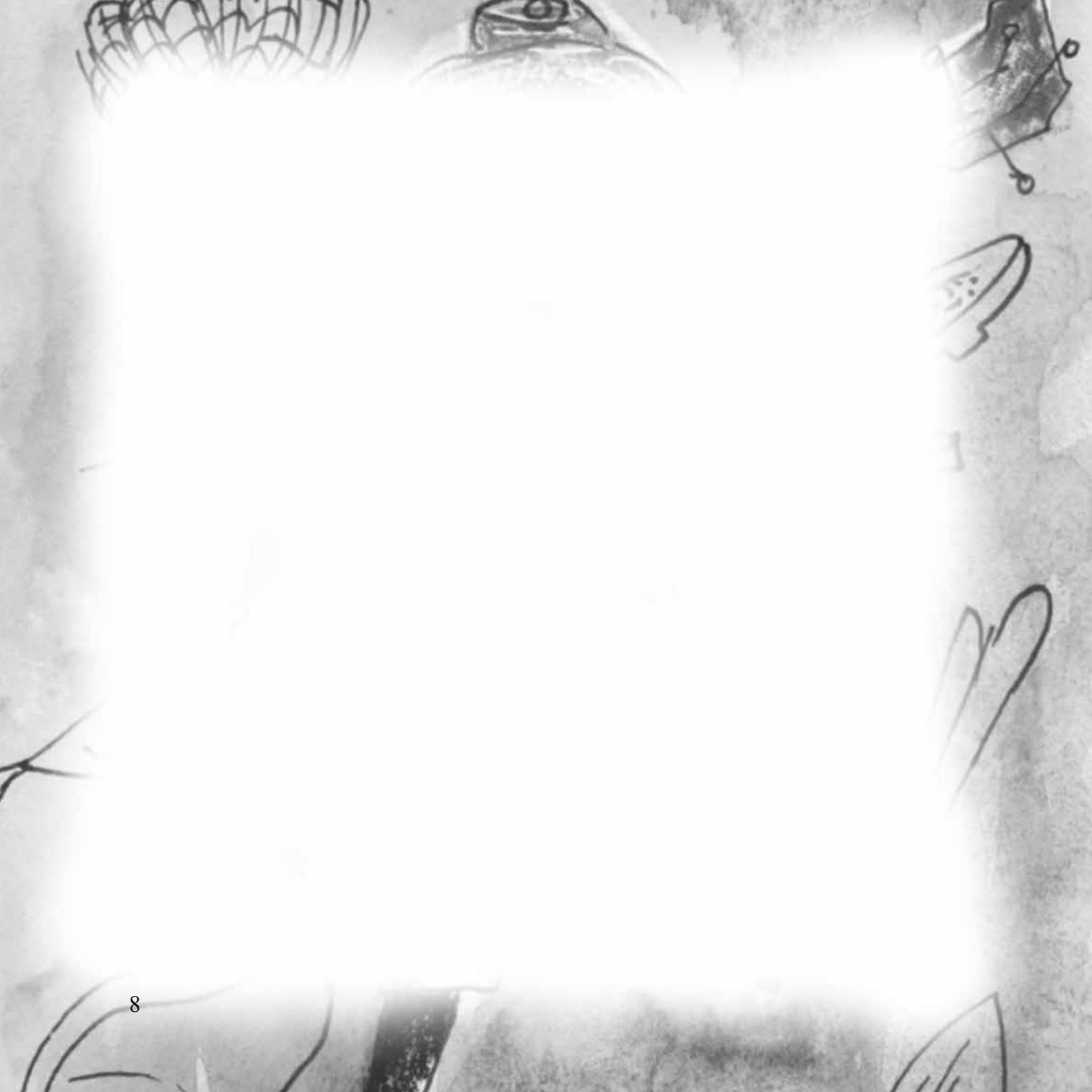
Nos seus 20 anos de atividade, o PEPLP coletou centenas de textos, uma grande parte contos populares. A coleção HISTÓRIAS DO FUNDO DO BAÚ é uma coletânea de contos voltada para professores e o público em geral que revelará um pouco da nossa memória cultural.



No presente volume, selecionamos contos que narram as aventuras de Pedro Malasartes, o herói pícaro mais popular da nossa literatura oral. Vindo da tradição ibérica, esse malandro adquire no Brasil uma caracterização própria, mas conserva seu jeito de ser que desafia as regras sociais, fazendo rir muitas gerações. Os textos selecionados foram recolhidos na capital e no interior do Estado, nas décadas de 80 de 90 e transcritos segundo as normas do Projeto de Estudo e Pesquisa da Literatura Popular da UFBA.

Índice

Pedro Malasartes	9
A história da panela.....	13
Pedro Malasartes e o urubu adivinho.....	17
O chapéu e o pássaro preto.....	21
Pedro Malasartes e o chapéu.....	25
Pedro Malasartes e as três filhas do rei.....	29
Pedro Malasartes e a aposta.....	35



PEDRO MALASARTES

Tinha um rei que só vivia para explorar a humanidade. Então, chamava o pessoal para trabalhar e aquele que agüentasse trabalhar um dia com um pão e ovo, receberia [o pagamento]. Então o sujeito ia para lá comendo ovo e pão, limpando a terra com a enxada ou então de foice.

Quando dava meio-dia estava morrendo de fome e largava o serviço. Assim ele ia fazendo o serviço, e não pagava a ninguém até que um dia chegou Pedro Malasarte com a sua sabedoria. Disse que aceitava trabalhar com um ovo e pão. O rei, de manhã, pegou um ovo e perguntou a Malasarte como é que ele queria

que fritasse. Se era mais duro ou se mais mole.

Ele disse:

– Hum, bem mole. Não quero que faça o ovo duro.

Enquanto tivesse ovo, o rei forneceria pão.

Mas só que os sujeitos botavam o ovo [inteiro] no pão e comiam e o pão acabava.

Então, ele disse ao rei.

– O senhor me dá um tacho. O maior que o senhor tiver.

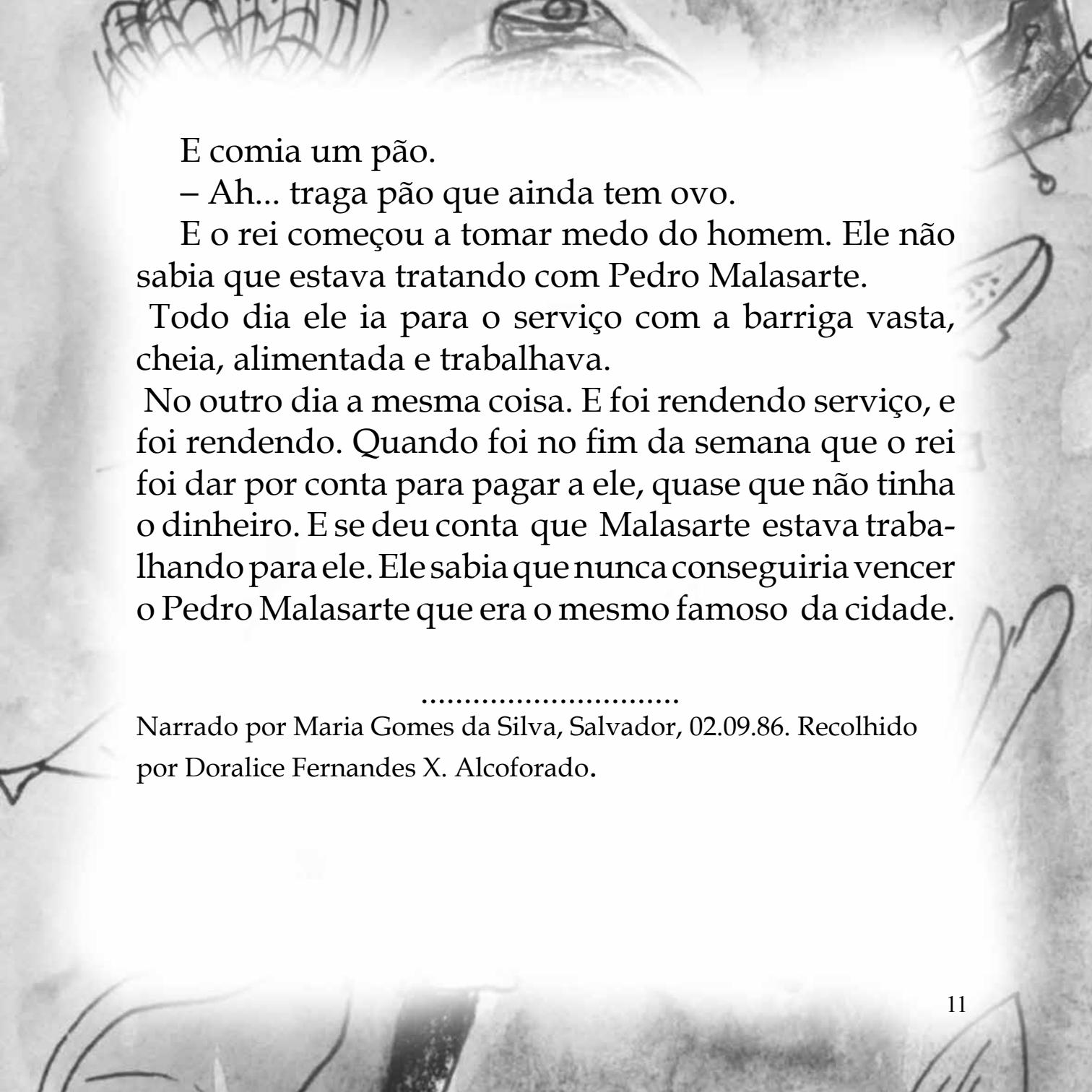
O rei deu o tacho.

Malasarte pegou o tacho, pegou aquele ovo bem mole e passou em todo o tacho por dentro. Passou e disse:

– Me veja o pão.

Porque enquanto tivesse ovo, ele iria comendo pão. Ele pegava assim um pedaço do pão e passava naquele melado do ovo no tacho e comia e tome-lhe café. Ele dizia:

– Traga mais pão que ainda tem ovo.



E comia um pão.

– Ah... traga pão que ainda tem ovo.

E o rei começou a tomar medo do homem. Ele não sabia que estava tratando com Pedro Malasarte.

Todo dia ele ia para o serviço com a barriga vasta, cheia, alimentada e trabalhava.

No outro dia a mesma coisa. E foi rendendo serviço, e foi rendendo. Quando foi no fim da semana que o rei foi dar por conta para pagar a ele, quase que não tinha o dinheiro. E se deu conta que Malasarte estava trabalhando para ele. Ele sabia que nunca conseguiria vencer o Pedro Malasarte que era o mesmo famoso da cidade.

.....

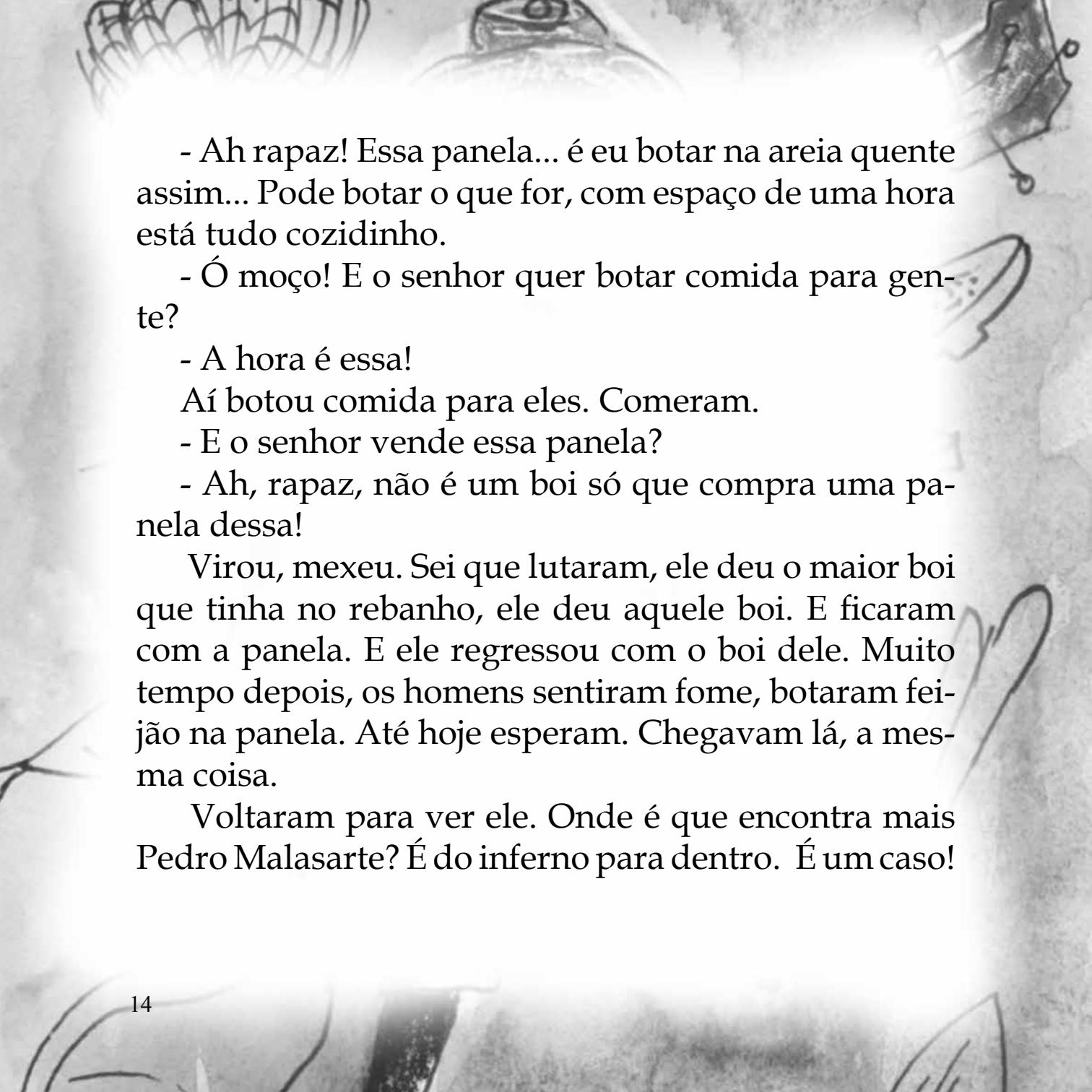
Narrado por Maria Gomes da Silva, Salvador, 02.09.86. Recolhido por Doralice Fernandes X. Alcoforado.



A HISTÓRIA DA PANELA

De vez em quando, passava essa boiada na rodagem. Pedro Malasarte inventou uma panela. Cozinhou uma panela de feijão e levou para estrada. Verão, sol quente. Chegou numa areia bem quente, ele botou essa panela fervendo, que tinha trazido de casa. E aí, vinham uns boiadeiros, todos com fome. Perto tinha um arvoredado onde eles iam descansar. Ele passou a panela na areia quente -- *pá-pá-pá-pá* -- panela de barro não esfria assim. Mas logo, o boiadeiro encostou e disse:

- Ó moço! Eh, como é que cozinha assim na areia quente?



- Ah rapaz! Essa panela... é eu botar na areia quente assim... Pode botar o que for, com espaço de uma hora está tudo cozidinho.

- Ó moço! E o senhor quer botar comida para gente?

- A hora é essa!

Aí botou comida para eles. Comeram.

- E o senhor vende essa panela?

- Ah, rapaz, não é um boi só que compra uma panela dessa!

Virou, mexeu. Sei que lutaram, ele deu o maior boi que tinha no rebanho, ele deu aquele boi. E ficaram com a panela. E ele regressou com o boi dele. Muito tempo depois, os homens sentiram fome, botaram feijão na panela. Até hoje esperam. Chegavam lá, a mesma coisa.

Voltaram para ver ele. Onde é que encontra mais Pedro Malasarte? É do inferno para dentro. É um caso!

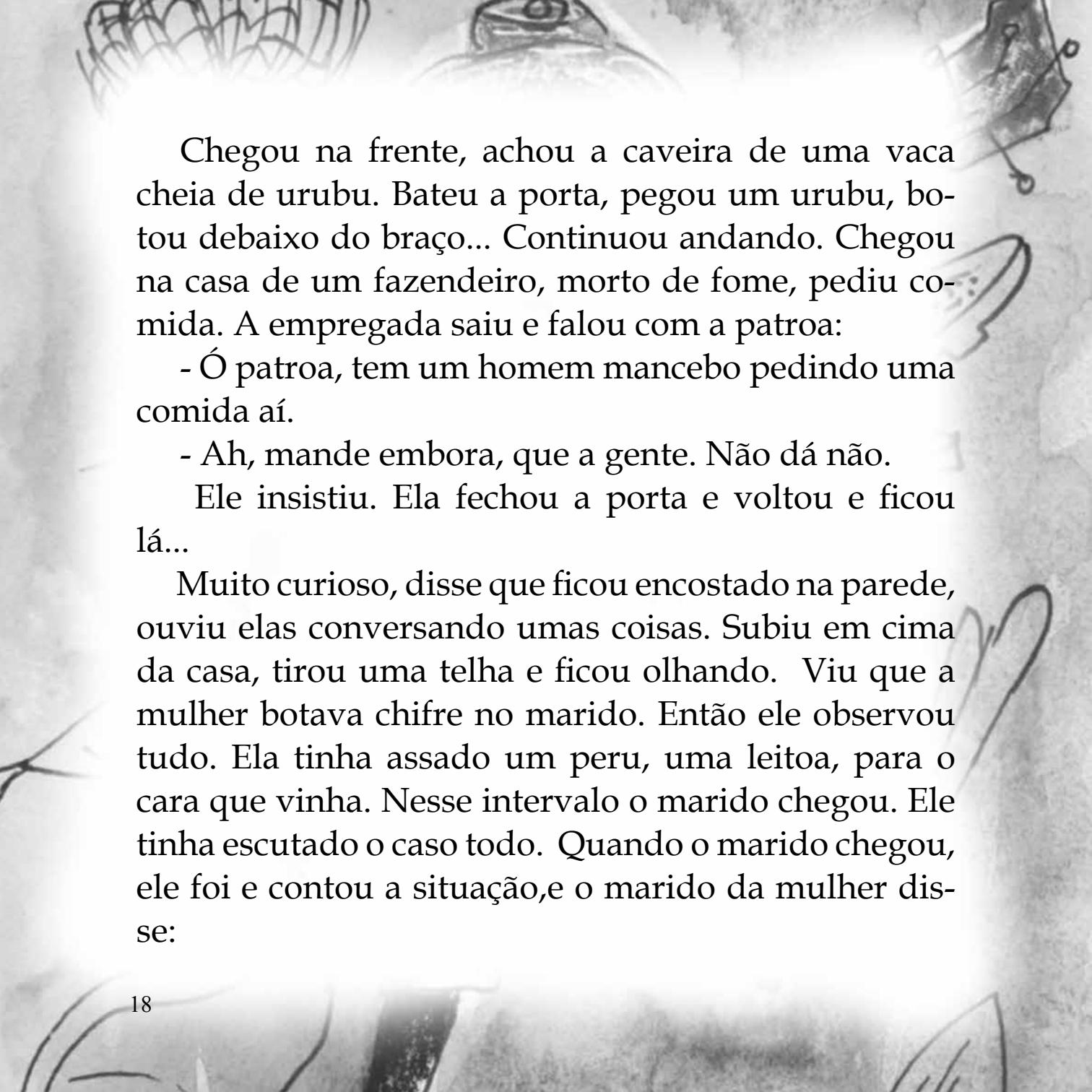
.....
Narrado por Secundino Costa Alves, Monte Gordo-Camaçari, 22.04.94. Recolhido por Eriene Nunes Barbosa e Maria del Rosário Suarez Albán.

PEDRO MALASARTE E O URUBU ADIVINHO

Quando Pedro Malasarte andava no mundo, teve uma certa época que ele caiu numa vida difícil. A herança que tinha, era uma casa velha.

Quando foi repartir essa herança, o que sobrou para ele foi uma porta da casa. Ele já bem fraco, coitado, já com a vida bem difícil, pegou essa porta velha, botou debaixo do braço e disse:

- Ô meu Deus, o que é que eu vou fazer com essa porta? Vou arrumar o quê? Tem nada não. Vou pelo mundo com essa porta.



Chegou na frente, achou a caveira de uma vaca cheia de urubu. Bateu a porta, pegou um urubu, botou debaixo do braço... Continuou andando. Chegou na casa de um fazendeiro, morto de fome, pediu comida. A empregada saiu e falou com a patroa:

- Ó patroa, tem um homem mancebo pedindo uma comida aí.

- Ah, mande embora, que a gente. Não dá não.

Ele insistiu. Ela fechou a porta e voltou e ficou lá...

Muito curioso, disse que ficou encostado na parede, ouviu elas conversando umas coisas. Subiu em cima da casa, tirou uma telha e ficou olhando. Viu que a mulher botava chifre no marido. Então ele observou tudo. Ela tinha assado um peru, uma leitoa, para o cara que vinha. Nesse intervalo o marido chegou. Ele tinha escutado o caso todo. Quando o marido chegou, ele foi e contou a situação, e o marido da mulher disse:

- Espere aí. Vamos entrar com a gente, que a gente vai jantar.

Ele entrou lá, encostou a porta, trancou o urubu, e quando foi na hora de botar a mesa, que quando chegou o homem estava lá, tudo jantando. Chegou o patife também. Que ele pisou no urubu, o urubu chiou. Ele:

- Aquieta, bicho, que você é adivinhão.

O marido já ficou meio assustado. Falou:

- Ô Fulano, quê que é que esse bicho adivinha?

- Ele adivinha tanta coisa!... Você nem sabe.

- Adivinha o quê?

- Ele está adivinhando que tem um peru assado.

- Ô mulher, é verdade?

- É, marido, é uma surpresa que eu fiz para você.

- Traz lá.

Trouxe e colocou na mesa. E lá vai ele começando a comer e tornou pisar no bicho. Tornou chiar. Ele falou:

- Está adivinhando outra coisa é?

- É. O que foi, mulher?
- Sabe o que tem aí?
- É uma leitoa assada.
- É verdade?
- É, marido, outra surpresinha que eu tinha para você. (Não era para ele, já era para o outro.)

Ele estava na viagem. Então, trouxe aquilo tudo. Quando foi mais tarde, ele tornou a pisar. Ele chiou.

- É... (Já tinha visto o caso todo.) Agora tem uma coisa que, se contar, vai dar até morte.

O amante levantou logo e disse:

- Olha, eu compro o bicho do preço que você quiser. Eu pago o bicho.

Meteu a mão no bolso, soltou o dinheiro sujo... Foi embora e eles ficaram por lá.

.....

Narrado por Florisvaldo Moreira, Vitória da Conquista (Estiva), 12.01.91. Recolhido por Cely dos Santos Vianna, Edil Silva Costa, Fátima de Araújo Góes Santiago e Maria del Rosário Suárez Albán.

O CHAPÉU E O PÁSSARO PRETO

Bocais era muito malandro. Um dia ele estava sem dinheiro. Não tinha roupa - a roupa toda rasgada já - sem dinheiro para comprar. Aí, ele estava caçando passarinhos. Começou a caçar. De repente, apareceu um bocado de cavaleiros e que ele conhecia. Eram muito ricos. Cada cavalo bonito, todos bem vestidos:

- Ah, sei duma idéia!

Pegou, uma porção de areia, tirou o chapéu e botou o chapéu na areia e ficou com a mão em cima. Aí, os cavaleiros pararam e perguntaram:

- Bocais, o que é que você está fazendo aí?

- Rapaz, estou aqui com um pássaro preto, bonito

demais! Mas, só que estou sem gaiola. Não sei o que eu faço!

- Eu lhe dou meu cavalo, e você vai buscar a gaiola.

- Mas, minha roupa está toda rasgada, toda velha!

- Dou minha roupa também!

Tirou a roupa, deu a Bocais. Bocais vestiu, montou no cavalo. E fez assim:

- Você quer comprar o pássaro preto?

- Quero.

- Quanto você dá?

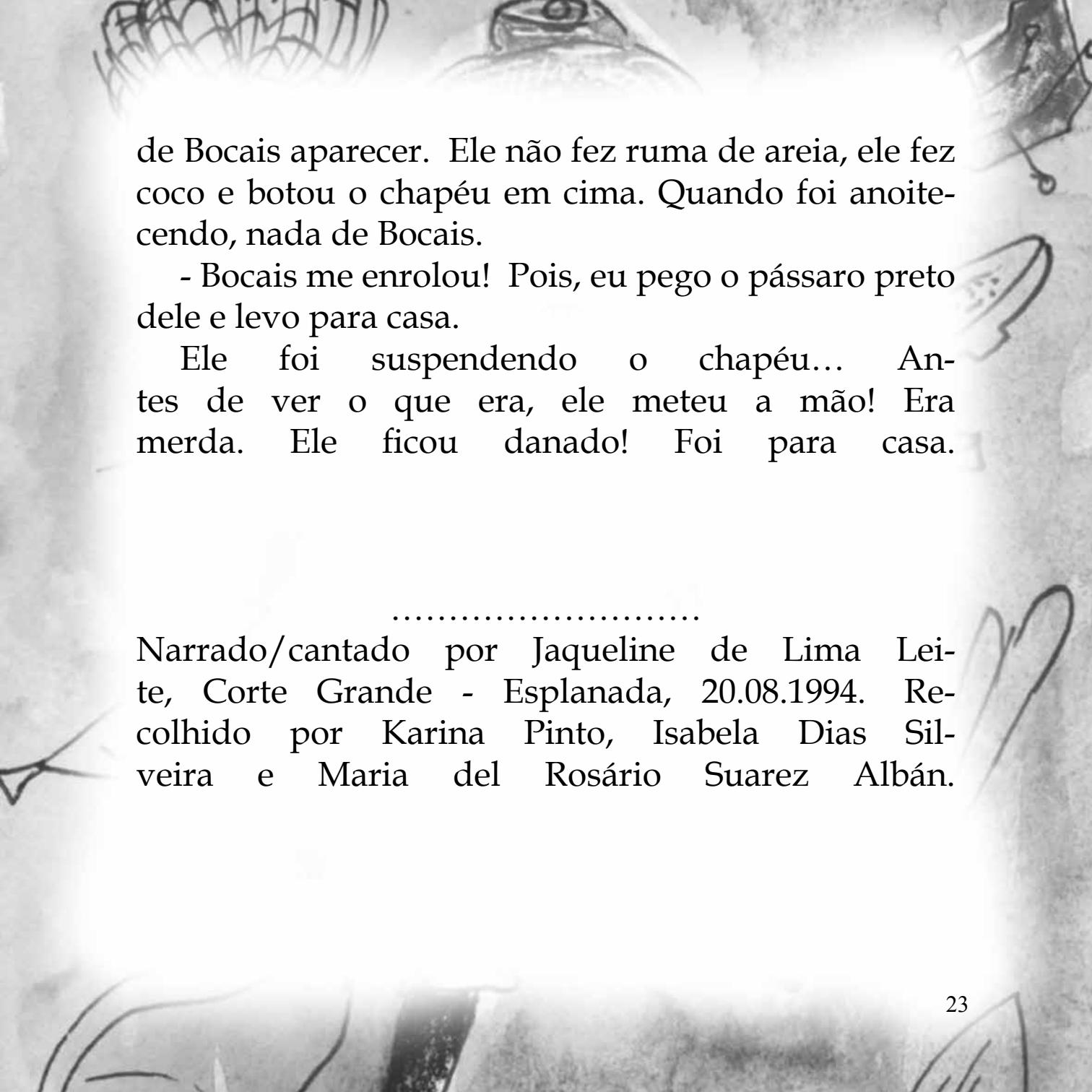
Ele disse o quanto.

- Me pague logo, porque minha mãe também está doente. Eu vou aproveitar, levar ela para o médico. Não vai dar tempo eu vir aqui. Eu vou mandar um menino trazer o cavalo e a gaiola.

- Hum.

- Está certo.

O homem pagou o valor do pássaro preto. Ele montou no cavalo e se mandou. Deu meio-dia, nada



de Bocais aparecer. Ele não fez ruma de areia, ele fez coco e botou o chapéu em cima. Quando foi anoitecendo, nada de Bocais.

- Bocais me enrolou! Pois, eu pego o pássaro preto dele e levo para casa.

Ele foi suspendendo o chapéu... Antes de ver o que era, ele meteu a mão! Era merda. Ele ficou danado! Foi para casa.

.....

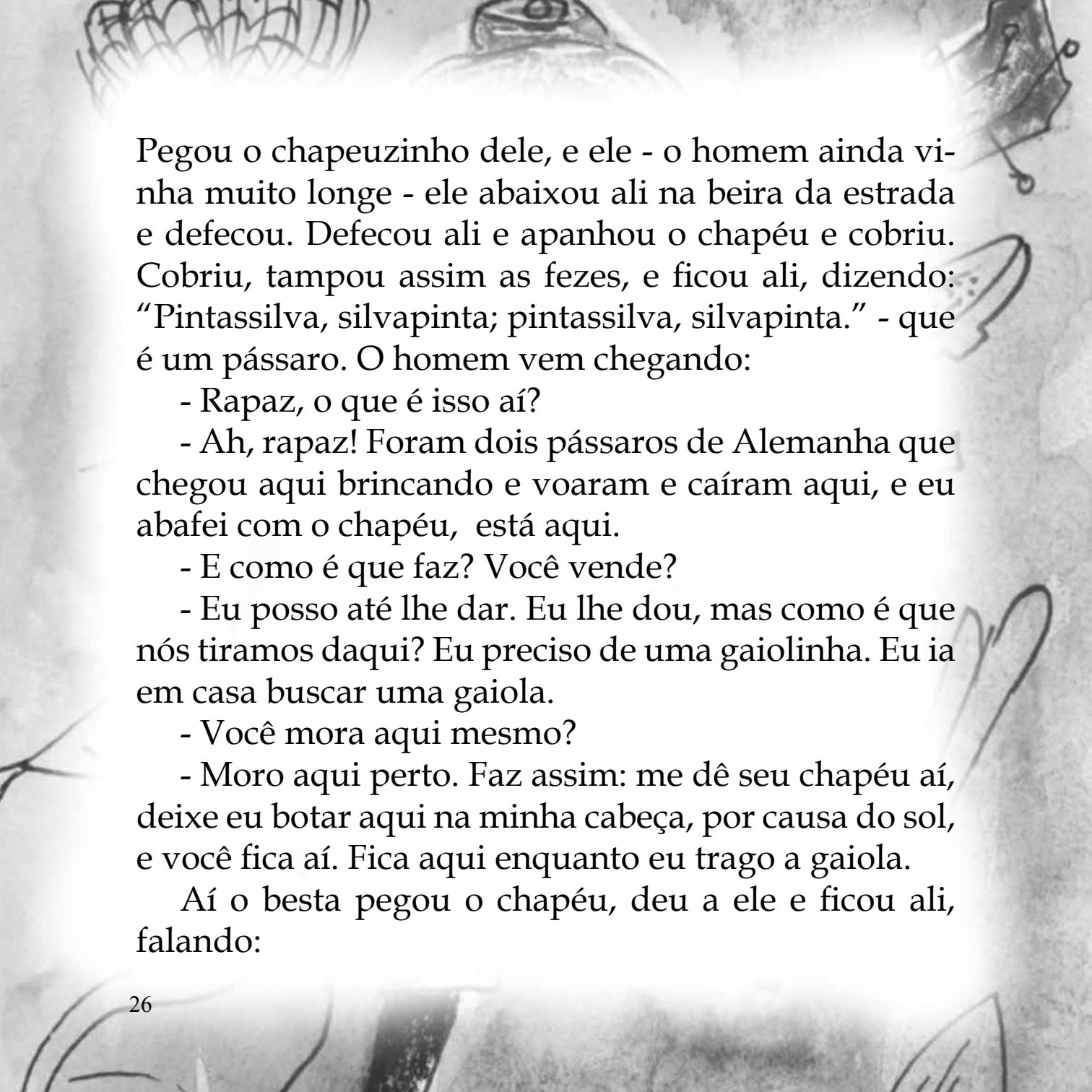
Narrado/cantado por Jaqueline de Lima Leite, Corte Grande - Esplanada, 20.08.1994. Recolhido por Karina Pinto, Isabela Dias Silveira e Maria del Rosário Suarez Albán.



PEDRO MALASARTE E O CHAPÉU

Pedro Malasarte tinha um chapéu já muito velho. Então ele desejava adquirir um chapéu bom. Então pensou: “O que é que eu devo fazer para adquirir um chapéu? Dinheiro não tenho. Como é que eu faço? Roubar... eu não quero roubar, eu vou para cadeia. Eu tenho que procurar um meio de adquirir um chapéu.” Então ele lá se vai por uma estrada afora.

Mais tarde, vem um sujeito lá, bem montado em um cavalo. Sujeito bem montado, de bota, chapéu bom, bonito. E ele disse: “É agora! Eu vou adquirir aquele chapéu que aquele homem traz na cabeça.”



Pegou o chapeuzinho dele, e ele - o homem ainda vinha muito longe - ele abaixou ali na beira da estrada e defecou. Defecou ali e apanhou o chapéu e cobriu. Cobriu, tampou assim as fezes, e ficou ali, dizendo: "Pintassilva, silvapinta; pintassilva, silvapinta." - que é um pássaro. O homem vem chegando:

- Rapaz, o que é isso aí?

- Ah, rapaz! Foram dois pássaros de Alemanha que chegou aqui brincando e voaram e caíram aqui, e eu abafei com o chapéu, está aqui.

- E como é que faz? Você vende?

- Eu posso até lhe dar. Eu lhe dou, mas como é que nós tiramos daqui? Eu preciso de uma gaiolinha. Eu ia em casa buscar uma gaiola.

- Você mora aqui mesmo?

- Moro aqui perto. Faz assim: me dê seu chapéu aí, deixe eu botar aqui na minha cabeça, por causa do sol, e você fica aí. Fica aqui enquanto eu trago a gaiola.

Aí o besta pegou o chapéu, deu a ele e ficou ali, falando:

- Pintassilva, silvapinto... - e batendo.

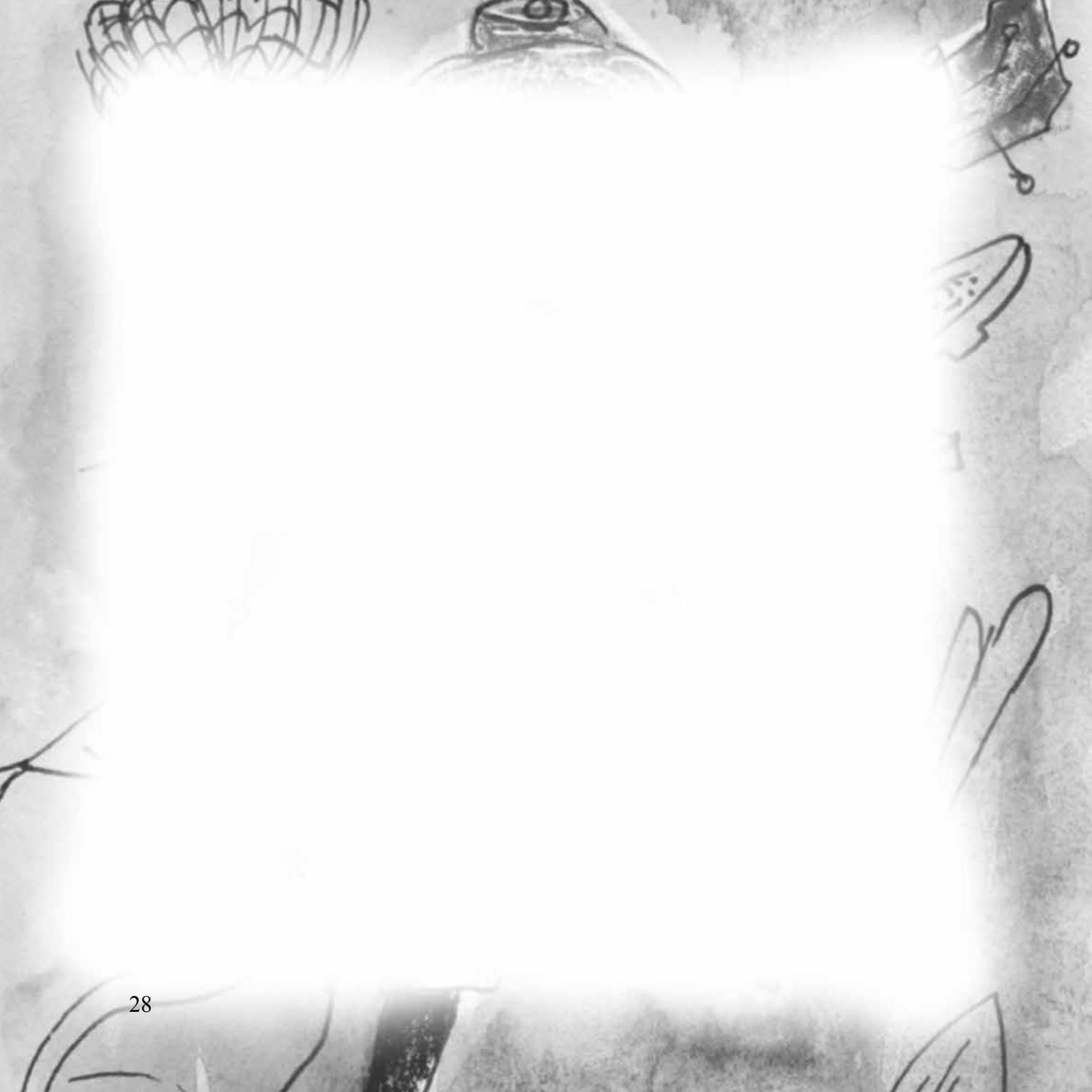
Nesse meio tempo, Pedro estava longe.

O homem se aborreceu e disse:

“Sabe de uma coisa? Eu vou é pegar esses passarinhos. Eu vou pegar.” E quando... *pá!* foi baixando o chapéu assim, que quando pegou, foi no bolo, no bolo de cocô e atolou a mão toda. Ficou todo danado da vida:

- “Ah, desgraçado! Miserável! Lá se foi com o meu chapéu.”

.....
Narrado por João Marchi, Barra do Choça, 18.01.91. Recolhido por Ronaldo Alves de Souza e Maria del Rosário Suárez Albán.



PEDRO MALASARTE E AS TRÊS FILHAS DO REI

Tinham três homens procurando trabalho. Era Pedro, Ivão e Paulo. Eles disseram assim:

- Eu vim aqui procurar trabalho.

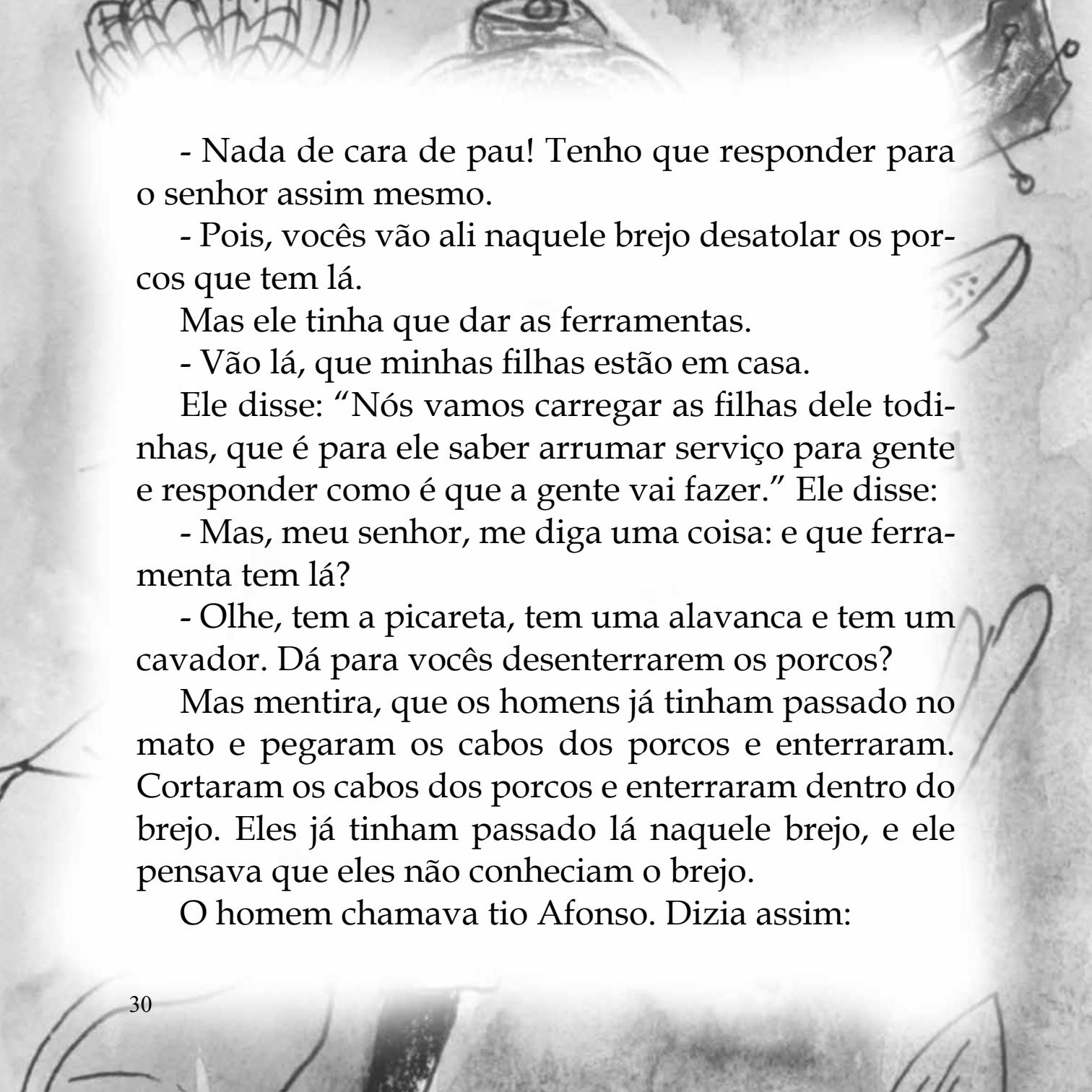
Ele disse:

- Tem trabalho. Agora tem um brejo que quem entrar não sai.

- Nada! Todo lugar que a gente entra, a gente tem saída. Se for uma coisa que vai apertar a gente, como é que a gente vai ficar dentro?

Aí o homem disse assim:

- Vocês têm cara de pau!



- Nada de cara de pau! Tenho que responder para o senhor assim mesmo.

- Pois, vocês vão ali naquele brejo desatolar os porcos que tem lá.

Mas ele tinha que dar as ferramentas.

- Vão lá, que minhas filhas estão em casa.

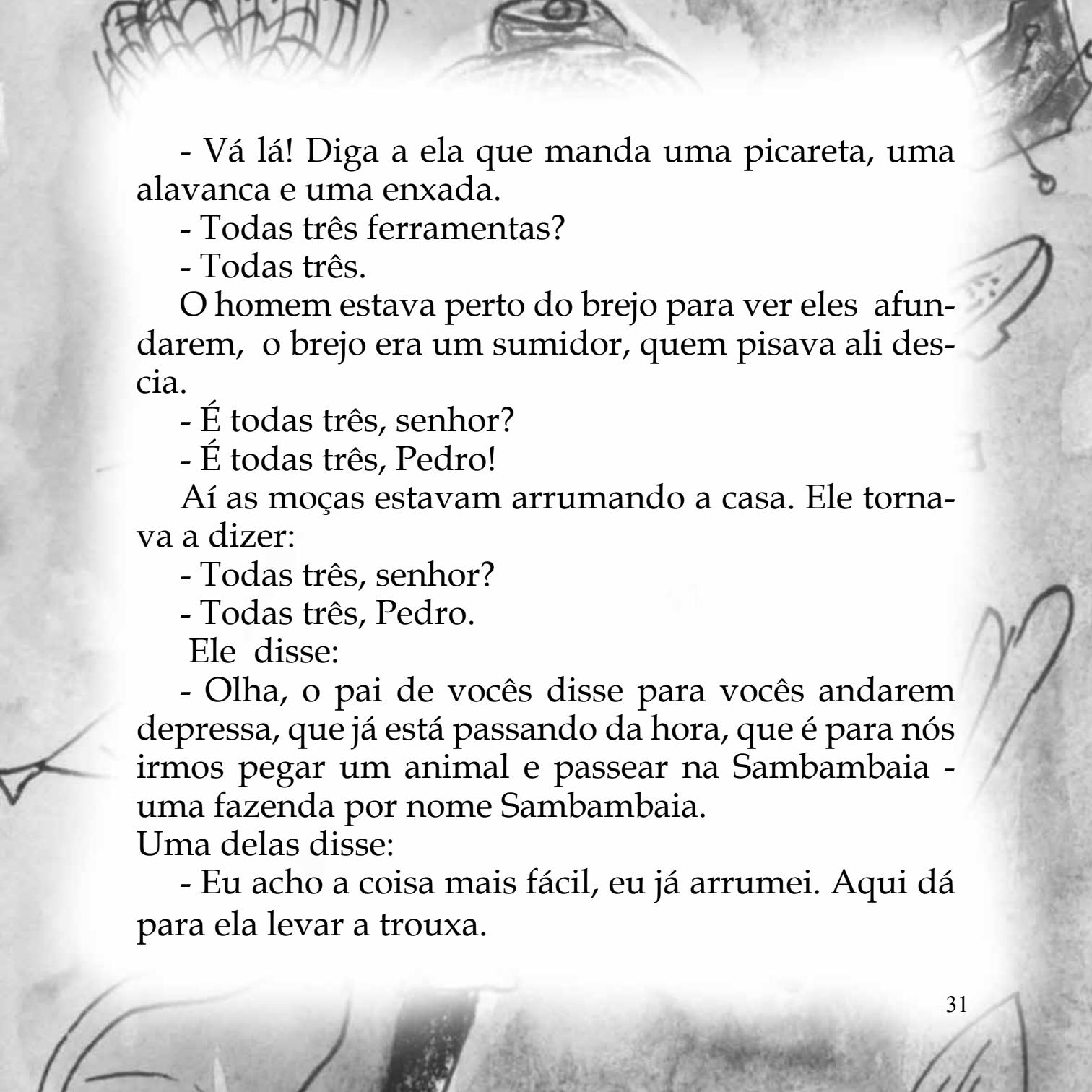
Ele disse: “Nós vamos carregar as filhas dele todinhas, que é para ele saber arrumar serviço para gente e responder como é que a gente vai fazer.” Ele disse:

- Mas, meu senhor, me diga uma coisa: e que ferramenta tem lá?

- Olhe, tem a picareta, tem uma alavanca e tem um cavador. Dá para vocês desenterrarem os porcos?

Mas mentira, que os homens já tinham passado no mato e pegaram os cabos dos porcos e enterraram. Cortaram os cabos dos porcos e enterraram dentro do brejo. Eles já tinham passado lá naquele brejo, e ele pensava que eles não conheciam o brejo.

O homem chamava tio Afonso. Dizia assim:

The background features a faint, sketchy illustration of a person's face, showing the eyes and nose, and their hands positioned as if holding something. The drawing is done in a simple, line-art style.

- Vá lá! Diga a ela que manda uma picareta, uma alavanca e uma enxada.

- Todas três ferramentas?

- Todas três.

O homem estava perto do brejo para ver eles afundarem, o brejo era um sumidor, quem pisava ali des-
cia.

- É todas três, senhor?

- É todas três, Pedro!

Aí as moças estavam arrumando a casa. Ele torna-
va a dizer:

- Todas três, senhor?

- Todas três, Pedro.

Ele disse:

- Olha, o pai de vocês disse para vocês andarem depressa, que já está passando da hora, que é para nós irmos pegar um animal e passear na Sambambaia - uma fazenda por nome Sambambaia.

Uma delas disse:

- Eu acho a coisa mais fácil, eu já arrumei. Aqui dá para ela levar a trouxa.

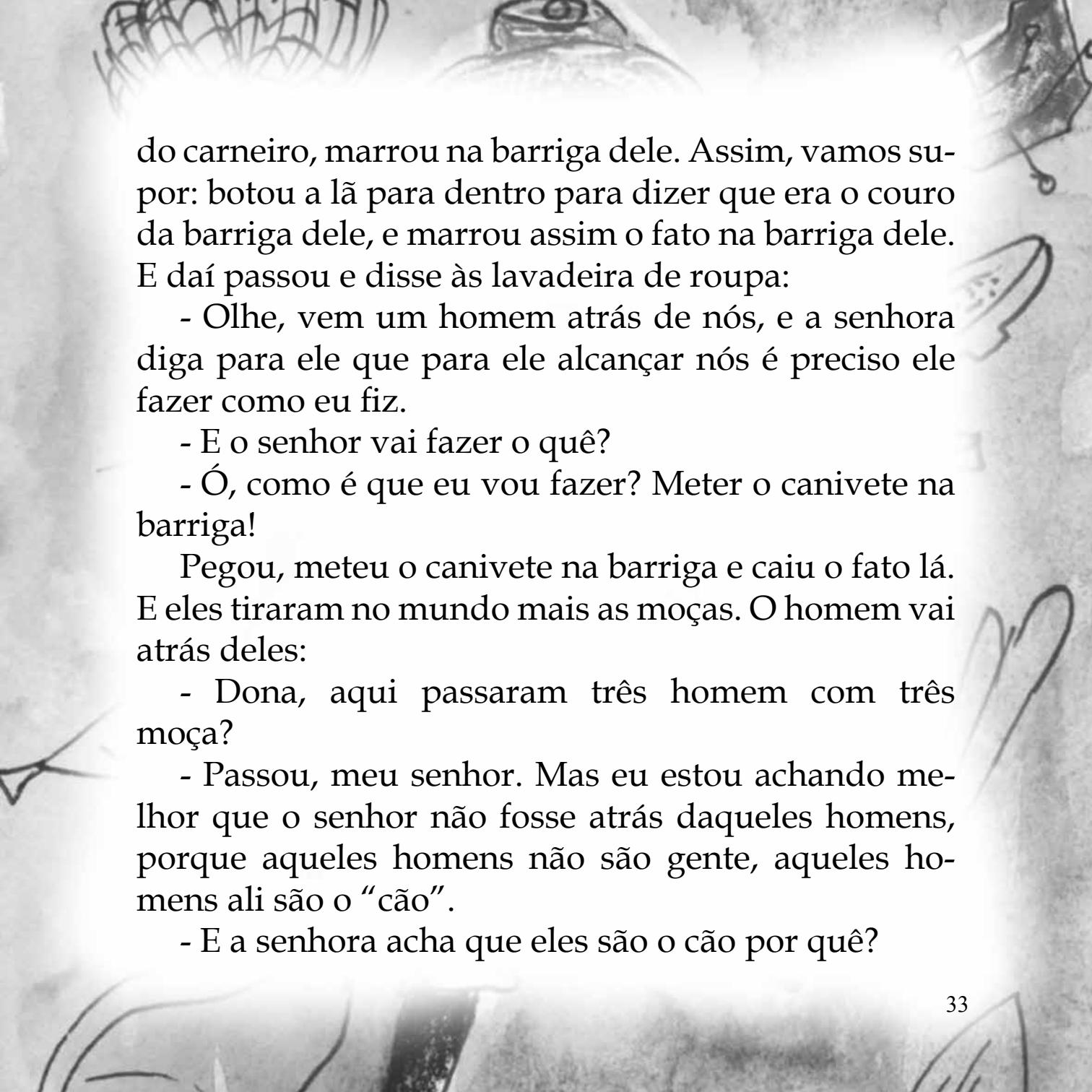
As meninas, uma chamava Cantina, a outra chamava Maria, a outra chamava Mariene. Disse:

- É para ir para fazenda, Cantina.
- E é para nós três? Olha, pai não carrega nós três de dentro casa.
- É para ir vocês três.
- Olha lá, veja o que é que ele está dizendo!
- São todas três, senhor?
- Todas três.

O homem está lá bem na sombra. Os homens apanharam elas e saíram pelo mundo. Que quando ele pensou deles gritar outra vez, eles já estavam viajando. De lá não dava para ele ver. Ele tava na moita deitado. Ele viu demorar, deu meio-dia, deu de tarde, disse:

- Eu vou ver o que é que aqueles malandros estão fazendo com minhas filhas.

Quando chegou lá, não tinha ninguém. Ele apanhou o rasto por onde elas foram. Daí chegou adiante, tinha as lavadeiras de roupa. Primeiro Pedro chegou, pegou, matou um carneiro e jogou o fato; pegou o fato



do carneiro, marrou na barriga dele. Assim, vamos supor: botou a lâ para dentro para dizer que era o couro da barriga dele, e marrou assim o fato na barriga dele. E daí passou e disse às lavadeira de roupa:

- Olhe, vem um homem atrás de nós, e a senhora diga para ele que para ele alcançar nós é preciso ele fazer como eu fiz.

- E o senhor vai fazer o quê?

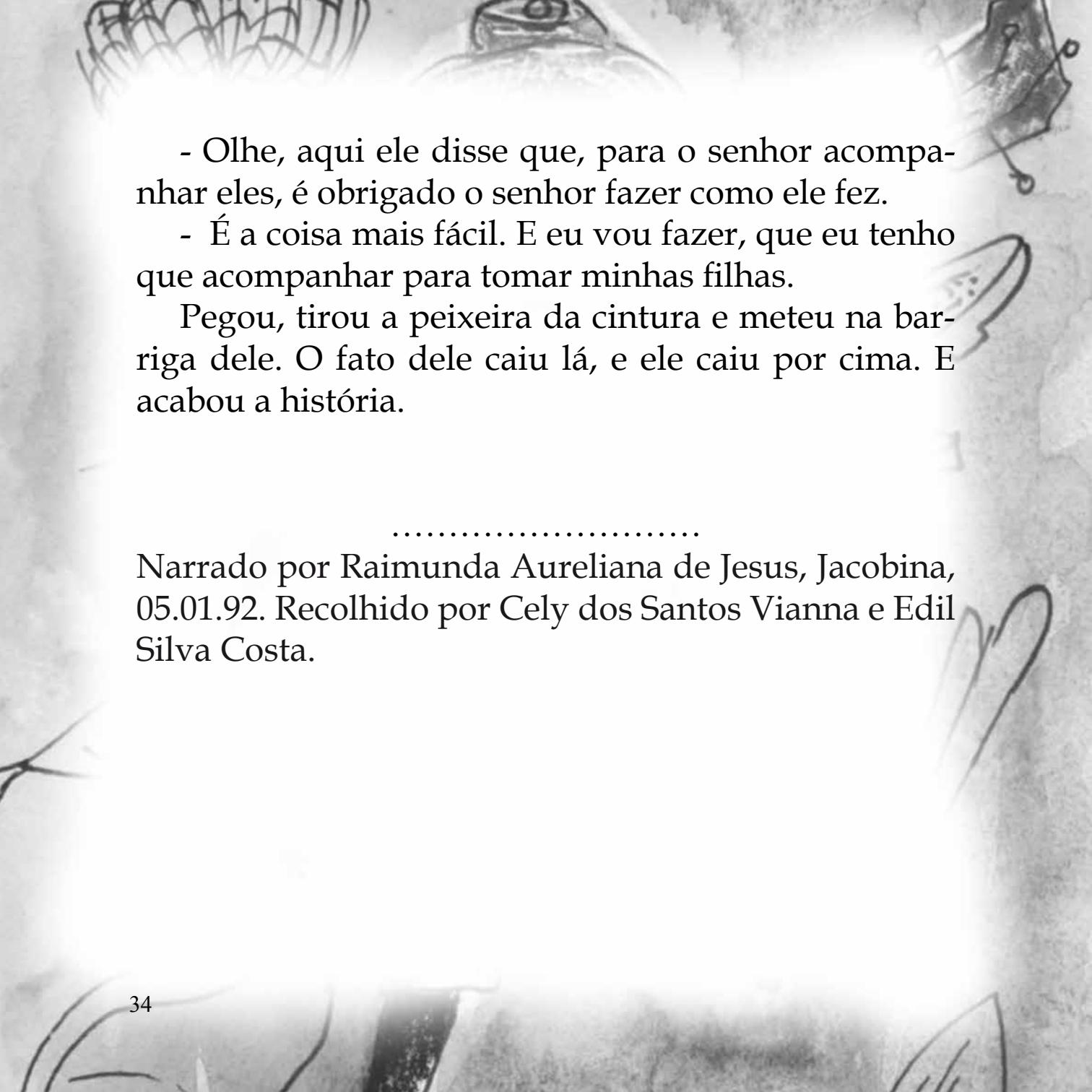
- Ó, como é que eu vou fazer? Meter o canivete na barriga!

Pegou, meteu o canivete na barriga e caiu o fato lá. E eles tiraram no mundo mais as moças. O homem vai atrás deles:

- Dona, aqui passaram três homem com três moça?

- Passou, meu senhor. Mas eu estou achando melhor que o senhor não fosse atrás daqueles homens, porque aqueles homens não são gente, aqueles homens ali são o "cão".

- E a senhora acha que eles são o cão por quê?



- Olhe, aqui ele disse que, para o senhor acompanhar eles, é obrigado o senhor fazer como ele fez.

- É a coisa mais fácil. E eu vou fazer, que eu tenho que acompanhar para tomar minhas filhas.

Pegou, tirou a peixeira da cintura e meteu na barriga dele. O fato dele caiu lá, e ele caiu por cima. E acabou a história.

.....

Narrado por Raimunda Aureliana de Jesus, Jacobina, 05.01.92. Recolhido por Cely dos Santos Vianna e Edil Silva Costa.

PEDRO MALASARTE E A APOSTA

O REI TINHA MAIS DE DUAS MIL ÉGUAS NOS CAMPOS.

- Pedro, você pode se casar com minha filha, se você trouxer aquelas éguas aqui, tudo sorrindo no meio da praça.

- Isso é bobagem!

Chegou lá, pegou as éguas todas, cortou os beiços tudo, ficou só os dentes de fora.

O Rei perdeu.

Ele disse:

- Olha bem, mas você pode casar com minha filha, viu, se você pegar tudo quanto eu soltar.

- Solte. Pode soltar o diabo, que eu pego!
O Rei saiu no meio do campo e deu três peidos:
pum, pum, pum!

- Pega!

Aí Pedro Malasarte:

- Ô bicho danado! Ô bicho danado! Tu é doido, bicho danado?!

Chegou na cara do rei, deu três peidos:

- *Pum!* Toma teu diabo brabo! Solta teu diabo e manda os outro pegar?!

.....

Narrado por José Onofre dos Santos Profeta, Itapetinga, 21.03.91. Recolhido por Ronaldo Alves de Souza e Maria del Rosário Suárez Albán.

❧

Volume I: Contos de Dona Luiza
Volume II: Contos de Animais
Volume III: Contos de Dona Carlota
Volume IV: Histórias de Pedro Malasartes
Volume V: Contos de Dona Sônia

Apoio:



ISBN :978-85-7887-026-3



9 788578 870263